

BINGEMER, M. C. L.

Um Brasil menos católico? Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, p.8 - 8, 13/05/2002.

UM BRASIL MENOS CATÓLICO?

Maria Clara Lucchetti Bingemer

O censo de 2000 acaba de publicar o novo perfil da população brasileira. E dentre as primeiras notícias que traz se destaca o perfil da religião no Brasil. Dois dados sobretudo são dignos de nota. Cresceu o número daqueles que, recenseados, se declaram “sem religião”. Diminuiu consideravelmente o número de católicos.

A primeira informação confirma um dado já fartamente sabido e observado: cresce o número dos que declaram não possuir uma crença determinada. Ou seja, o processo de secularização, que proclama a autonomia do mundo e do ser humano em relação a Deus, que questiona a pertença a uma confissão ou instituição religiosa ou mesmo a fé num Ser Transcendente continua avançando. E isso mesmo nas católicas latitudes latino-americanas, sem excluir o “maior país católico do mundo” que é o nosso.

Num país como o Brasil, portanto, é digno de nota que mesmo ao lado de maciças manifestações religiosas, tais como as que tivemos oportunidade de presenciar com as duas vindas do Papa ao Brasil ou nas festas católicas tradicionais como o Círio de Nazaré ou Nossa Senhora Aparecida, a descrença e o indiferentismo religioso também colhem seus frutos entre nós.

O segundo ponto que chama a atenção nos resultados do censo é o declínio das cifras do catolicismo, apesar deste ainda representar a religião da esmagadora maioria dos brasileiros. Vale a pena, porém, aprofundar o que está nas entrelinhas da informação.

Certamente os dados do censo interpelam a Igreja Católica e a fazem perguntar-se pelo por que dessa evasão dentro de suas fileiras. E também, seguramente, pelo por que do avanço da descrença num momento em que parece haver uma volta do interesse pela religião. No entanto, cruzando esses dados com outros, também informados pelo mesmo censo, percebe-se outra face do perfil do catolicismo na última década.

Caiu a mortalidade infantil no Brasil. Esta é verdadeiramente uma boa notícia. Nossas crianças estão tendo mais direito a esse dom primeiro e fundamental que é a vida e vida em plenitude. E isso certamente se deve, em boa parte, à admirável ação da Pastoral da Criança, que por todo esse país afora atende muitos milhões de mães e famílias ensinando-lhes técnicas simples e sem custo para que seus filhos não sejam ceifados pelas doenças na mais tenra idade. O mundo inteiro reconhece esse fato apontando a brasileira Zilda Arns – idealizadora e responsável desta pastoral - para o Premio Nobel da Paz.

O censo informa ainda que a população indígena aumentou no Brasil. O vaticínio do fim próximo e inexorável das nações indígenas, que parecia inevitável na década de 70, aparece neste censo surpreendentemente revertido. Entre 1991 e 2000, enquanto a população brasileira crescia 15%, os povos indígenas cresceram 138%!

Como não ver aí, além das iniciativas políticas e sociais que deram base para a demarcação das terras indígenas, a ação admirável dos muitos missionários católicos que para isso entregaram suas vidas até o martírio? Como não ver aí a atuação do CIMI, que na CNBB é o órgão responsável pelas missões entre os indígenas?

Parece, portanto, que aquilo que o catolicismo perdeu em quantidade ganhou em qualidade de presença e testemunho evangélico. Talvez justamente essa queda no número de católicos decorra do fato de que a Igreja Católica não está disposta a fazer concessões quando se trata do compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo. E esse não implica apenas em uma pertença estatística ou uma vaga prática ritualística, mas num empenho de amor que prioriza o outro e seu direito à vida e à felicidade até o fim. Esse outro, no caso da Igreja Católica do Brasil, parece ter sido, na última década, a criança e o indígena.

Talvez o próximo censo traga números menos surpreendentes. Se isso se der, será fruto de uma adequada resposta da Pastoral urbana aos novos desafios que a cidade brasileira apresenta aos pastores e fiéis católicos. Infelizmente, porém, na frieza das estatísticas, nunca poderá transparecer a intensidade e o ardor da conversão e do compromisso desses e dessas que continuam dispostos a dar tudo que são e possuem pela pérola de grande valor que é o evangelho de Jesus Cristo.